



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

27 de Fevereiro de 1999 • Ano LVI - N.º 1434
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

O GAIATO

Cinquenta e cinco anos

O 5 de Março, este ano, fica quase equidistante do 27 de Fevereiro e do dia 13 seguinte, datas da saída do Jornal. Qual destas havia de ser eleita para o número celebrativo do aniversário?... Eis um grande(!) problema posto à Redacção, que se resolveu muito simplesmente pela sabedoria popular: «candeia que vai adiante, alumia duas vezes». Resolução reforçada pela possibilidade de atrasos na expedição do Jornal (às vezes também por nossa culpa), que acabará por chegar às mãos do Leitor em vésperas do dia de aniversário.

Um problema sem qualquer problemática, porque é intemporal a nota expressiva desta edição, justamente: *o que O GAIATO é para os seus Leitores*. Daí, o lugar mais extenso que se lhes reserva, lugar que afinal sempre têm ao longo de todo o ano.

Esta presença viva, discreta, sem normas nem compromissos, é característica da Obra e por isso do seu Jornal — que a Obra sempre viveu em diálogo com o Povo e neste relacionamento tem a sua fonte de subsistência, não apenas no existir material, mas também na força para a alma que dele colhem os que têm sobre seus frágeis ombros a missão de a realizar. Deus chamou-nos e é o Garante supremo de que nada faltará aos que nEle põem toda a sua confiança. E, como em toda a ordem da Sua Providência, só excepcionalmente Se mostra em milagres, mas dispõe as criaturas em torno dos objectivos a que chama, para que cada um, segundo a Sua graça, passe a outro

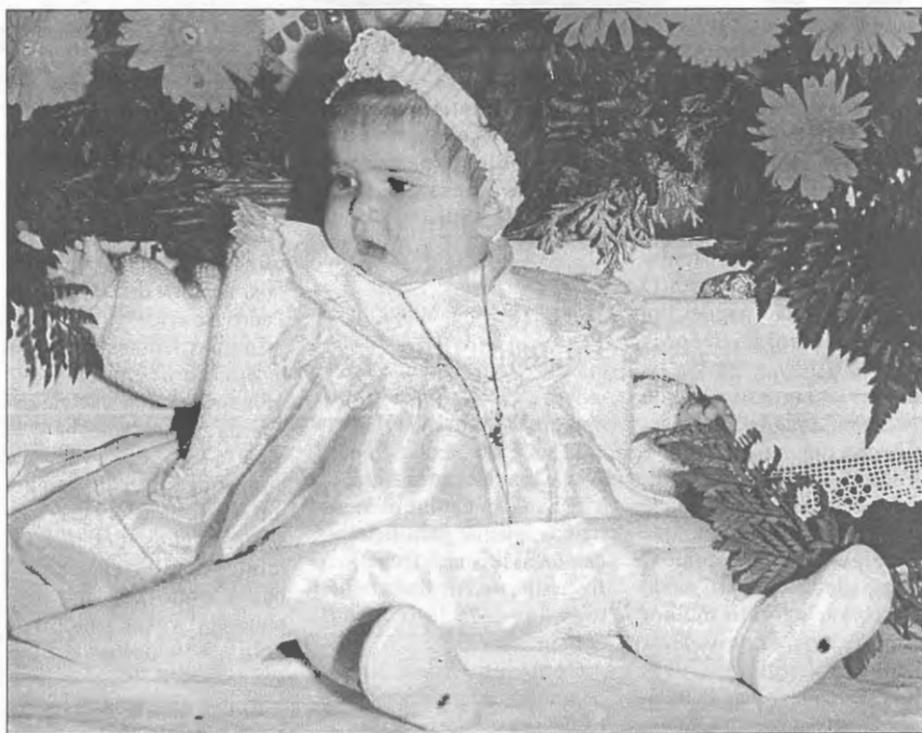
o alento de que esse necessita para que se cumpra o plano divino. O GAIATO é voz deste alerta que não exclui ninguém de todo o exercício que conduz ao Bem Comum — que é a Vontade de Deus. De fora, só os que O não procuram de coração sincero; só os que não têm ouvidos de ouvir, porque não os querem — mas estes são eles próprios que se excluem.

Não há qualquer contradição entre esta abertura e a advertência de Pai Américo a respeito deste pequenino periódico: «Não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem». Pai Américo refere-se ao articulista encartado, redactor assumido de textos de saber e de virtude.

Não assim os redactores principais desta edição d'O GAIATO. Eles são-no informalmente. Somos nós que os apanhamos e pomos no candeeiro a luz de que Deus os fez portadores. Anonimato, aqui, é sinónimo, não de irresponsabilidade ou de cobardia, mas da involuntariedade que realça o esplendor da sinceridade e da modéstia na expressão espontânea de cada alma.

Bendito seja Deus por esta riqueza que a Sua Misericórdia põe ao nosso alcance. É ela o fundamento do que faz deste pequenino Jornal «perturbador de consciências acomodadas», *o Famoso*.

Padre Carlos



O retrato da Cristina Filipa, uma neta que acabou de nascer filha de Deus, fica bem neste aniversário de avô que O GAIATO perfaz.

Calvário

O pássaro e as migalhas

SENTADOS em cadeiras de rodas dois doentes almoçam regalados na varanda exterior.

O sol brilhante e a temperatura amena convidam para este local aprazível.

Depois de saciados, os doentes recostam-se melhor nas cadeiras e repousam.

Um pardal esperto esteve atento num galho duma árvore. Esperou que a refeição terminasse e dá um salto para a varanda. As migalhas caídas no solo são muitas. E ele começa a debicar aqui e além. Atrevido, salta para a mesa e prossegue a tarefa.

Outros colegas, menos atrevidos, vendo que nada mexe, arriscam-se também eles. Saltam e as migalhas desaparecem todas.

Se Cristo, naquele tempo, assistisse a esta cena pitoresca certamente teria feito dela uma parábola encantadora sobre as migalhas que caem da mesa do Pai Celeste e que só os Pobres e Famintos dos dons de Deus sabem aproveitar.

Os pássaros confortados regressam às árvores e delas ao céu azul. Do espaço não se vêem mais as migalhas sobre a Terra. Só a vastidão e a grandeza.

As migalhas do nosso viver, vistas do Alto, desaparecem. Preocupamo-nos tantas vezes com ninharias. Amedrontamo-nos com pequenos nadas. Somos esmagados pelos revezes da vida. Subindo às alturas, de lá tudo isto é nada.

Dimensionamos exageradamente aquilo que nos cerca e enleia. Afligimo-nos com a vida, porque andamos nela de olhos baixos.

É preciso subir, ter o espírito no Alto, bem no Alto, para não sermos sufocados pelas coisas, pelos homens, pelo tempo.

Com o espírito no Alto encontramos a Paz.

Padre Baptista

Malanje

«O amor é mais forte do que a morte!»

14/1/99

MORREU às três da manhã o menino que as Irmãs Manoli e Bela recolheram em casa com a mãe. Foi uma luta contra a doença e a fraqueza extrema do bebé. Não se conseguiu.

Irmã Manoli apareceu-me de manhã, desfeita e frustrada: «O menino morreu!»

Todo o dia, dentro de mim a beleza deste gesto! O valor da vida! Grande o contraste com que o presenciei há três dias... Eu conto:

Vieram chamar-me para socorrer as vítimas de um acidente de viação: um carro militar que virou. Fui. Na berma, ao lado dos destroços, um civil, trabalhador, morto. Mesmo ao lado, um capitão abraçado ao major a rirem de alegres

por terem escapado com vida... Nem um olhar para a vítima, nem uma ajuda para a pôr no carro.

Ao chegar no hospital, desceram os feridos e o comandante, com ar duro e frio: «Leve o morto!»

Para onde? E a família que vivia do seu salário? Uma vida! E o valor da vida?

15/1/99

IRMÃS Josefina e Ana Maria estão tensas. Não admira.

As bombas passam, assobiando, por cima da casa delas e vão cair e rebentar no Bairro da Vila-Matilde. Hoje começaram às cinco horas da manhã.

Sete mortos e muitos feridos. Vítimas inocentes, que nem sequer sabiam dos motivos desta guerra!

Depois duma volta pelo Bairro, estas Irmãs foram orientar a cozinha onde duzentas crianças tomam papa e leite, uma vez por dia.

Pode, naquele momento, cair uma bomba... Pode, pois! É o risco permanente... E é o amor! A missão! A doação da própria vida pelos irmãos, imagens do Senhor!

Vivência que palpita, cada dia, como vestido novo que saíu da arca do Evangelho.

«O amor é mais forte do que a morte!»

Padre Telmo

Colaboração



Voz que obriga a reflectir

«Estou em dupla dívida para convosco. Pois tenho recebido pontualmente O GAIATO e não paguei um único exemplar. Depois porque o Jornal é para os leitores e, no caso vertente para mim, uma voz da consciência que nos obriga a reflectir.

A sua leitura não nos pode deixar indiferentes, pelo que se pergunta: O que somos? Para onde vamos? De modo a procurar agora o melhor caminho que nos possa levar ao melhor destino.

Deste modo, e para liquidação da assinatura, junto envio cheque que também será um

pequeno contributo para ajuda das vossas necessidades, já que a mensagem d'O GAIATO não tem preço.
Assinante 41204»

De pequenino...

«Jornal O GAIATO Já sei ler-te, tenho 7 anos. Aí vai a minha assinatura.

P.S. — O meu neto manda cheque para liquidação da assinatura. Quando o fiz assinante era ainda bebé; mas agora já lê o Jornal com interesse.

Com desejos de saúde para todos e felicidades para os vossos rapazes.

Assinante 54631»

Continuo a sentir o mesmo carinho

«Desde miúda que em minha casa sempre ouvi falar na Casa do Gaiato e no Padre Américo.

Éramos leitores do Jornal e era com emoção que comentávamos os 'casos' que surgiam e protegiam.

Já lá vão muitos anos e com o decorrer do tempo, um a um, já não estão presentes alguns membros da minha família, mas continuo a sentir o mesmo carinho pela 'vossa' Obra, falo dela aos mais novos, aos amigos.

Envio este donativo por alma dos que me são queridos porque sei que vão ficar contentes com esta minha oferta.

Assinante 69011»

Embora com deficiência na vista recebo O GAIATO

«Embora com enorme deficiência na vista, o que amargura o meu viver, a minha alma sente e gosta de receber O GAIATO, jornal

que, há tantos anos, vem abençoando o nosso lar.

Em Setembro tive a dita de ir aí, como mais vezes me tem acontecido. Senti comoção junto do túmulo do santo Padre Américo. Que ele, no Céu se compadeça de mim e peço ao nosso Deus, mais saúde para minha irmã, meu braço direito nesta vida.

Assinante 26025»

Octogenária

«Junto envio cheque para o meu querido O GAIATO que, infelizmente, já não leio todo. Hoje, é aos bocadinhos e com o auxílio de uma lupa. Compreendam que já tenho 82 anos e cheia de maleitas próprias da idade.

Cumprimentos em Jesus Cristo para todos os que trabalham na Obra da Rua. Deus vos abençoe.

Assinante 21266»

Fraternidade

«A leitura do Jornal tem sempre um significado importante, para mim, pois vivi 19 anos em Angola a pouco mais de 30 quilómetros de Benguela onde muitas vezes me deslocava.

Continuo a não entender o motivo por que a esperança duma vida melhor ainda não chegou a essa terra pródiga de humanidade onde todos, sem distinção de raças ou credos, vivíamos numa paz incontestável.

Fico deprimido e triste ao verificar a imagem de

Delicioso

«Com um abraço de muita amizade para toda essa querida família, aqui estou para proceder à renovação do nosso tão apetitoso jornalzinho, já que a sua leitura continua a ser para nós, um delicioso manjar.

Assinante 36349»

... manjar

«Quando recebo O GAIATO, leio-o todo com gosto, mas, como se estivesse a fazer uma refeição; ou seja: primeiro a 'leitura geral' como prato principal; depois, a parte do Pai Américo *Doutrina* para ler no fim como sobremesa. Gosto muito desses retalhos.

Assinante 28751»

Angola com as pessoas a viverem em condições deprimentes que não existiam quando eu lá vivi...

Assinante 28157»

Generosidade

«Que bom saber que continua a haver gente corajosa, cheia de caridade e que levam para a frente obras grandiosas!

Eu continuo a ser apenas assidua leitora d'O GAIATO, e portanto acompanho-vos com a minha pobre oração e um desejo de que

apareçam mais almas generosas para vos ajudar.

Assinante 57292»

Boa Nova

«O GAIATO, cheio de Boa Nova, do amor de Deus aos homens, do vosso amor às crianças sem família, sem carinho, sem orientação.

Bem hajam! Que o Senhor continue a ajudar a Obra da Rua que o Padre Américo iniciou e do Céu pede por todos.

Vão... para os rapazes do Padre Telmo, em Malanje, nessa guerra implacável que faz sofrer tanto e destrói uma nação grande e rica... tão pobre de paz e de respeito pela vida do seu povo!

Assinante 46739»

Educar pelo trabalho

«O vosso jornal é tão desejado e lido de ponta a ponta!

Sente-se nele palpar a vida das crianças e dos Pobres e dos vossos esforços para lhes darem um pouco de bem estar.

Neste mundo consumista vê-se que a vossa forma de educar pelo trabalho, de acordo com as forças dos garotos, é o melhor caminho para uma sã recuperação dos bons hábitos.

Admiro o vosso trabalho em África. Que Deus oiça os vossos pedidos de senhoras e de padres mais jovens para continuarem a Obra da Rua.

Assinante 31418»

Leitura

«Envio um pequeno contributo que visa pagar a minha assinatura, mas não paga tudo aquilo que a leitura do «Famoso» me proporciona.

Que Deus continue a ajudar a Obra da Rua.

Assinante 5370»

... que não tem preço

«Reconhecida pela riqueza que a leitura d'O GAIATO me transmite e pedindo a Deus força para que possais continuar, junto uma pequena migalha para ajuda, pois O GAIATO não tem preço.

Assinante 17767»

Legendas

«A minha gratidão à Obra da Rua, pela luz de Esperança que mantém acesa na confusão dos tempos.

Assinante 43711»

«Peço a Deus muita saúde e coragem para todos os que trabalham na vossa Obra onde o Evangelho se faz carne.

Assinante 55593»

«Regularizo a minha assinatura de O GAIATO. Quanta paz interior me traz a sua leitura! Que Deus vos ajude nessa grande Obra.

Assinante 54917»

«O GAIATO é uma pausa de reflexão e um momento de elevação nos meus dias agitados e conturbados.

Assinante 57310»

«É com algum atraso que envio a contribuição para o nosso sempre jovem, actual, profundo, interrogante e desinstalador O GAIATO. Quanto vos fico grata por ele!

Assinante 36405»

«Obrigada pelos temas do vosso Jornal que várias vezes me têm ajudado a reflectir sobre a difícil tarefa de ajudar

jovens a aprender — sou professora.

Assinante 63315»

«Obrigada pela vossa fidelidade, pela vossa presença na minha casa através do Jornal O GAIATO. Eu não tenho sido muito fiel. No entanto já não podia passar sem vós. Prometo que vou estar mais atenta.

Assinante 31553»

«Sou leitora d'O GAIATO há alguns anos e posso-vos dizer que a partilha das vossas alegrias e tristezas toca-me fundo na alma, quer quando me alerta a consciência (por vezes semi-adormecida), quer quando me faz ter esperança num mundo

melhor para os nossos pequenos. Vale sempre a pena lutar por isso.

Assinante 54945»

«Envio esta gota para mitigar o oceano dos vossos problemas. Foi Natal e quantos «meninos Jesus» vocês tiraram do frio, da manjedoura?! Oxalá a vossa Obra tenha sempre seguidores.

Assinante 23618»

«Com a maior gratidão pelo Bem que tenho recebido d'O GAIATO, pois tudo o que contém dá lições que entram na minha alma e me fazem compreender melhor a grande Obra da Rua que ele encerra e realiza!

Assinante 12063»

Fome de verdade

«De cada leitura d'O GAIATO, uma lição, uma verdade e, às vezes, um grito de revolta contra a hipocrisia! Bem hajam!

Assinante 29705»

... e de valores

«Felicitto-vos por toda a Obra realizada junto dos que mais necessitam.

'Nem só de pão vive o homem' e o vosso contributo não é só de pão; é formar pessoas para que possam ter possibilidades de sucesso na vida. Grande homem, o Padre Américo!

Mário»

... e de paz

«Tenho uma grande admiração pela Obra da Rua e leio sempre O GAIATO, já na cama, o que me dá muita paz de espírito.

Neste mundo conturbado é um Oásis...

Deus vos dê forças para continuarem.

Assinante 56185»

dos Leitores

Dia...

«Quando O GAIATO chega é dia de festa. Tudo pára: as preocupações, as angústias e os afazeres. No meu coração ficais apenas vós, com as vossas notícias, as vossas alegrias e dores.

Cada palavra é por mim saboreada e no final fica a tristeza da minha tão pouca persistência, do meu egoísmo, de tanto olhar para trás...

Junto uma migalha para que O GAIATO possa chegar sempre aos nossos lares.

Assinante 26580»

... de festa

«Sou assinante há cerca de 50 anos. Quando era nova, a chegada d'O GAIATO era uma festa! Sentava-me e devorava-o, ora rindo ora chorando!

Com os anos a sensibilidade e outras faculdades diminuíram, mas sou ainda apaixonada de Pai Américo e da Obra da Rua.

Assinante 8704»

Nostalgia

«Há não sei quantos anos que recebo O GAIATO por iniciativa da minha Esposa que, durante seis anos e meio, viveu o sofrimento lancinante de um mieloma múltiplo progressivo com muita coragem e total entrega ao Senhor, espalhando sempre à sua volta a alegria, amor, felicidade e paz.

Aos que estranhavam o seu comportamento dizia sinceramente: 'Porque hei-de ter medo da morte se é a porta para a Casa do Pai? Chamem-me louca! Estou em boa

companhia. Quem foi mais louco do que Jesus que por amor nos deixou a Eucaristia para poder estar mais intimamente com os amigos, transformando-Se na sua substância, fazendo-nos entrar na torrente de amor que O une ao Pai no Espírito Santo?'

O Senhor chamou-a para Si na solidão dum Hospital. Ficou-nos, principalmente a mim, aos quatro filhos e nove netos, a saudade e a certeza de que o Pai a recebeu no Seu seio.

Assinante 15109»

Mensagem evangélica

«Embora vos tenha e a toda a Obra presente, é nesta altura que comunico mais.

Na verdade recebo o nosso querido O GAIATO, leio, releio, passo-o, e em comunhão convosco, mais espiritual é certo, apetece-me poder debelar todas aquelas feridas e lacunas que vos amarguram. Fico apenas triste e a minha pequeníssima oferta será a humilde oração por vós, por todos os Padres da Rua que são recoveiros dos Pobres, à semelhança do querido Pai Américo, creio.

Nesta altura apetece-nos falar mais, dizer da bênção que vem até nós em cada leitura da vossa mensagem evangélica, em cada jornalinho; e dar graças a Deus pelo que nos ofereceis.

Assinante 21374»

Falta imperdoável!

«Bem hajam todos aqueles que trabalham para O GAIATO, simples na aparência, grande no conteúdo!

Nesta Quaresma, reflecto melhor e com mais profundidade ainda, na minha atitude

para com ele, pois nunca enviei uma migalha do meu pão.

Sou funcionária pública, reformada. Penso que ainda poderia estar a tempo de redimir esta minha falta imperdoável...!

Sempre que leio o meu querido O GAIATO mais reconheço como Deus é grande!

Assinante 12063»

O GAIATO tem sido um farol

«A minha «estória»: Há quarenta e tal anos, andava eu no Seminário. Obrigavam-nos a contactar com O GAIATO através da leitura que se fazia num silêncio sepulcral à hora da refeição. Mas, aqui há um bom par de anos e depois de andar a comprar o jornal aos rapazes, optei pela assinatura. E mandei vir os vossos livros.

Agora, feitas as pazes com o Jornal no seu todo, O GAIATO tem sido um farol para mim e para a minha família. A sua luz ilumina, quantas vezes, os nossos tempos de oração em família, porque é um tratado de

Catequese que aproveitamos e damos aos nossos filhos. É teologia, esta, sim, de libertação!, porque nos concede momentos de meditação que a mãe e eu «impomos» voluntariamente aos nossos filhos, na certeza de que algo lhes fica dentro no meio de toda a confusão que vai pelo mundo fora.

Além do português escorreito com que alindam os textos, nesta nossa língua tão maltratada!

Nas nossas orações, pedimos a Deus por vocês e que se faça a Sua vontade quanto aos nossos 3 rapazes. Eles conhecem as nossas intenções.

Assinante 37307»

«Bichinho» de amor pelos Outros

«Junto envio pequena lembrança para os vossos meninos em quem penso muitas vezes e de quem conto aos meus alunos o muito que aprendo n'O GAIATO, para alimentar neles o 'bichinho' do amor pelos Outros.

Assinante 64119»

Obra da Rua

As Obras de Deus prevalecem

«'Mais vale tarde do que nunca', diz o nosso povo, e com razão.

Há muito que devia ter cumprido com pequenina oferta para as vossas grandes necessidades. Hoje cá estou para isso e para cumprimentar com um grande abraço toda a Comunidade.

Que Deus os continue a fortalecer e abençoar; creio que as Obras de Deus prevalecem para sempre.

Não vou designar o destino dessa 'migalha', pois ela fará parte do 'pão' de todos que precisam, seja onde for. Que ela me acrescente com as graças do Senhor, tão necessárias para mim e família.

Assinante 47613»

Importante participação

«A Obra da Rua é grande, por isso todos os 'bocadinhos' são pouco mas importantes.

É o 'bocadinho' com que eu posso ajudar-vos.

P.S. — Os meus alunos participaram. Eles são dum meio rural muito

pobre e têm grandes dificuldades económicas, daí a 'insignificância' da sua importante participação.

Uma professora»

Tratado de educação juvenil

«Aqui lhes mando as horas extraordinárias. Não tem valor nenhum porque graças a Deus, não preciso dessa importância e, em vós, é como a multiplicação dos peixes de que falam os Apóstolos.

Bem hajam pela Obra da Rua. Peça a Deus que mande continuadores e que a Obra seja cada vez mais conhecida, pois ela é um tratado de educação juvenil.

Assinante 29843»

Reduto de amor

«Que hei-de acrescentar ao que, ano após ano, tenho referido? A minha admiração pelo vosso querer, pela vossa fé? O meu respeito por serdes uns dos poucos redutos onde se luta, sofre e realiza algo de superior sem esperar protagonismo, rendas ou promoções? E também as minhas preocu-

pações por vos ver quase sem vocações que vos ajudem e vos substituam?

Tudo isto penso, não só quando leio O GAIATO mas a todo o momento em que medito sobre os problemas deste mundo.

Também reconheço, com humildade, o pouco que posso fazer. Umas palavras de solidariedade, uns donativos e só a certeza de que o pouco apoio que vos dou é feito com muita intenção e muita amizade pela Obra da Rua.

Assinante 23768»

Penitência

«Peço desculpa do meu aparente alheamento da vossa meritória actividade que sinceramente também sinto que devia ser de todos nós. O mal é que paramos poucas vezes para pensar nestas coisas, que ainda por cima até são deste mundo e não, como sempre nos desculpamos, assuntos do Além, de que se pode tratar um dia mais tarde.

Penitencio-me desta minha omissão e prometo não me ficar pelos votos, ainda que muito sinceros, de que continuem com todo o entusiasmo o apostolado que vêm fazendo!

Assinante 62872»

Benguela

Insisto na vida...

ESTOU no campo. Comigo os rapazes mais velhos que terminaram o ano lectivo. É tempo de trabalho e há que aproveitá-lo.

Há plantação de mandioca, batata doce e bananeiras. O estudo é uma porta para a vida. O trabalho vai junto. A Casa do Gaiato quer preparar os rapazes para a vida.

Interrompemos, por momentos, o fio da meada que vou desenvolvendo, porque me chegam aos ouvidos o eco duma canção, cheia de ritmo, que os mais pequenos vão cantando, à medida que varrem as ruas da nossa Casa. Tudo isto é vida. Falo e insisto na vida a gritar contra a destruição e a morte semeada pela guerra.

Volto ao campo. Gente do bairro, homens e mulheres, com a enxada nas mãos, abrem buracos para as socas de bananeiras. Os rapazes plantam. Outros regam os coqueiros novos. Eu vejo e acompanho.

Este silêncio rico do campo, donde sai a primeira riqueza da nação produzida pela mão do homem, é quebrado, de vez em quando, pelo barulho ensurdecedor dos caças bombardeiros que levantam voo do aeroporto, a poucos quilómetros de distância.

É a guerra! Os rapazes, penso, não dão conta, de tão entretidos que andam na plantação das bananeiras. Quem dera! Sim, quem dera que estes filhos fruto da guerra, não pensassem mais na guerra. Da nossa parte, havemos de lutar até ao fim da vida com as armas da paz: no campo, na escola, na vida social e familiar.

Há dias, acompanhei um grupo dos meus rapazes ao cumprimento da lei de recenseamento militar. Levava uma dor muito grande no coração. São vinte e sete rapazes na idade cumprida. Todos são fruto da guerra. Não posso dizer mais nada. Não sou capaz. Acompanho-os.

Outra vez no meio do campo. Gosto muito do campo. Nasci no campo. Meus pais eram camponeses que sofreram muito.

Estou perdido, agora, no meio do algodão com cerca de 140 rapazes a colher o algodão das cápsulas para os baldes e, depois, para os sacos. Foi uma experiência nova a sementeira do algodão. Não fosse o ruído dos bombardeiros, a música deste espectáculo era maravilhosa. Só quero falar da vida; mas não posso esquecer a morte e os sinais dela na multidão de refugiados que padecem toda a sorte de males. Vamos continuar! Estai connosco!

Padre Manuel António

ENCONTROS em Lisboa

O dom da vida

ESTAMOS mergulhados na Quaresma. Só consigo ver este tempo como tempo de sementeira ou tempo de passagem para nova forma de vida. A Liturgia deste ano, ano A do leccionário, convidamos a percorrer o caminho catecumenal. Os Evangelhos são quase todos, excepto o do primeiro Domingo, tirados de S. João e são catequeses sobre os diversos símbolos baptismas.

O homem e de uma maneira especial o homem cristão, é convidado a fazer escolhas na vida. Nem tudo serve. É o Evangelho das tentações. Aparece, de seguida, a Transfiguração de Jesus, anúncio das realidades insuspeitas pela mente humana e que só o segredar de Deus ao longo das Escrituras pode abrir à sua compreensão. Na caminhada surge a «sede de água viva» que só o Deus vivo, adorado em «espírito e verdade», pode saciar. É necessário passar da «cegueira à luz» clarificando quem tem para nós o poder de nos abrir os olhos. Diante de muitas incompreensões, ilusões e passos em falso é que aprendemos que a verdadeira Luz vem do Alto. A caminhada clarifica-se diante d'Aquele que é a Ressurreição e a Vida. Resta-nos reto-

mar forças e caminhar com Jesus vivendo o mistério da Sua Paixão e Ressurreição.

Neste caminhar quaresmal muitas assembleias litúrgicas ou penitenciais se vão realizar. Muitos apelos se vão escutar, dirigidos pelo Santo Padre, pelos bispos ou mesmo pelos párocos, pelos responsáveis dos diferentes movimentos ou grupos. Será que no fim ficamos na mesma?

Ao longo dos anos muito se avançou na parte litúrgica. Na parte da partilha económica também se deram alguns passos, embora constituam pequenos sinais de esperança à espera de colheitas mais abundantes nascidas de uma maior consciência da nossa vida em solidariedade com os outros.

É precisamente sobre a solidariedade que gostaria de dizer mais alguma coisa. Às vezes a solidariedade anda um pouco mascarada com a esmola ou a simples partilha económica de umas sobras que nos vão caindo da mesa. Parece-me que ela tem um sentido muito mais alargado e com raízes muito mais profundas. Com efeito, ela nasce da própria relação que Deus quis estabelecer connosco. Ele veio ao nosso encontro, deu-nos o Seu próprio Filho que, por sua vez, deu a vida para que tenhamos a verdadeira Vida. Trata-se, portanto, de dom da vida,

dom de si mesmo. Não há maior solidariedade do que este dom da vida de uma pessoa a outra ou outras pessoas. Quem dá a vida dá o dom mais precioso que tem.

Gostaria de ver aparecer com mais frequência entre os cristãos a resposta a este desafio de dar a vida. A liturgia, a partilha económica são passos de catequese para esta resposta final. Preparam, ajudam a caminhar, não são a meta perfeita. É como no Evangelho: «vai, vende tudo o que tens, dá aos Pobres, depois vem» — dá a vida.

Nos mundos por onde ando, sinto, tantas vezes, esta falha dos cristãos que encham os nossos templos, participam em grandes assembleias, estão em muitos grupos, rezam muito... mas não dão a sua vida.

Quando visito bairros de lata, quando encontro meninos da rua, quando me chegam pedidos e pedidos para receber mais este e aquele, quando oiço vozes magoadas pela solidão da velhice e da doença, quando os meus miúdos são atacados por rapazes da idade deles, que a escola, a formação profissional, atirou para a rua sem lugar ao sol, muito gostaria de ver irmãos cristãos metidos nestas tarefas, alegres, dando a sua vida para que outras vidas tenham lugar. Há tantos problemas de irmãos nossos que não se resolvem com dinheiro. Não há dinheiro que pague um beijo dado por amor. Não há dinheiro que pague uns momentos de convívio com um irmão a necessitar de conversar sobre a sua solidão. Não há dinheiro que pague o deixarmos que o nosso coração se abra ao outro a ponto de lhe dizermos: gosto de ti. Não há liturgia ou romaria ou esmola que dê a alegria e a paz do dom da vida.

Padre Manuel Cristóvão



Habitação antiga de aldeia mas, capaz e confortável.

Património dos Pobres

HÁ treze anos o casal, recém-casados, veio pedir-nos o arranjo da moradia que habitavam e que não tinha as condições mínimas. Nem divisões nem quarto de banho nem água nem luz. Nada.

Os nossos carpinteiros puseram mãos à obra e dividiram todo o interior aplicando chapas de aglomerado, fazendo as respectivas portas. Tudo ficou a reme-

diar mal, mas fizeram o que foi possível. Lá ficou o casal e ali nasceram os quatro filhos. Os anos e a vida deles tornaram a habitação em péssimo estado.

O ano passado insistiram connosco para que lhe arranjássemos uma casinha. Mais em atenção aos filhos e sua educação, ficou na nossa vida mais esta inquietação. Começámos a dar voltas à procura de uma casa humilde e desabitada, à

venda há anos. Negócio feito e novamente mãos à obra. Os nossos pedreiros começaram a prepará-la pelos interiores e deram uma volta por toda ela.

Quando estava a ficar toda reparada, eis que o marido e pai abandonou a família e ausenta-se para o país vizinho, ausências que costumava fazer. Consta que é homem viciado. Conseguimos trabalho para a mulher e mãe e continuá-

mos, com mais cuidado, a ajudá-la a criar os filhos.

Quando tudo parecia correr bem, a mulher pegou nos filhos, sem nos dizer uma palavra, e foi encontrar-se com o marido. Custou-nos muito, especialmente pela vida escolar dos filhos, a meio do ano escolar, um na quarta classe e outro na terceira e os outros mais atrasados.

Agora a mãe apareceu só com o mais novo e lá continuaram a viver no barracão, cada vez mais arruinado. O pequenito continua a vir pedir pão a nossa Casa, como sempre fizeram.

Um caso como infelizmente há muitos. Pura falta de senso. A pobreza quando se torna desleixada, conduz à miséria. É mais uma prova da nossa experiência.

A nossa primeira reacção seria o abandono de pessoas com este comportamento mas, não podemos nem devemos esquecer a parábola dos talentos. A um o Senhor entregou cinco. A outro confiou dois. Ao terceiro confiou um. Os dois primeiros aproveitaram-nos e cada um lucróu o dobro. O terceiro foi escondê-lo e nada de lucro.

É tema de meditação para a vida de cada um e de todos nós. Não podemos nem devemos escusar-nos da nossa colaboração.

Passadas semanas, família emigrante em França teve

DOCTRINA



Ouve a voz do Mendicante

CINCO garotos da rua, de tamanho e indumentária diferentes, subiam os Clérigos a mirar o chão avidamente por pontas de cigarros. Muito sujos e desalinados, via-se-lhes o corpo nu através dos rasgões das calças e das camisas. Em cima, ao pé do Anjo, deram com cascas de fruta e desataram a comer do chão, com ar de quem tinha fome! Outros acudiram ao manjar — «eh pá, deixa cá ver!» — e num instante liquidaram os tristes despojos. Apareci no sítio. Quis saber onde havia fruta. Entrámos todos no mercado, à cunha. Os garotos vão à frente e abrem caminho por entre cestos e sacos e protestos de toda a gente: — Oh, malcriado!

— Aqui, senhor Abade.

CONTÁMOS ameixas a três mil réis o quartelão, sem discutir; e quando chegou a vez de um dos mais pequeninos, ouço da boca dele um internecido «dê-me antes pãozinho». O pãozinho ficava ao fundo, nas fileiras de barracas, em horoas de centeio, a vinte e quatro tostões cada peça. Somente uma mulher as tinha e estavam no fim! Partiram-se algumas delas em quartos desiguais, propositadamente; e logo os pequenos circunstâncias mostraram quem eram e quanto valiam, pelo jeito como retiraram o seu quinhão de sobre o contador. Vin-se ali quem era o atrevido, quem o soberbo, quem o tímido. Sendo todos filhos de ninguém, cada um é a seu modo e à sua maneira.

ANTES de lhes dar a lição, com o pão, aprendi deles, primeiramente, como havia de o dar: a cada um da sua forma. Pode ser que os métodos de ensinar valham, na casa dos bem-nascidos. Na forma das ruas, não. Cada garoto é um mundo e é um mestre. Se alguém quiser tomar sobre si a missão de o educar, há-de aprender dele a maneira de o fazer. «Dê-me antes pãozinho!» Ai!, como quisera dar pão a esta criança, não dos pães da vendedeira da praça, mas sim pão da nossa Casa, amanhado nos nossos campos, cozido no nosso forno, feito por mãos alegres e inocentes como aquelas que fabricam o pão que partimos aos pequeninos de Coimbra, em Casa deles! A paixão de dar pão, sim, alimento completo aos farrapões da cidade do Porto, leva-me a ser mendicante cem por cento.

ESTE «dê-me antes pãozinho» devia retinir no teu peito à hora *chic* das cinco, quando esperas mesa desocupada nos *tea-rooms* da cidade. Dantes não era assim! Quem sabe se é precisamente pelo teu muito *lamber* que estes pequeninos não têm de comer? Seja como for, ouve a voz do Mendicante.

D. Amén. 5.!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

de regressar a Portugal a conselho dos médicos, pela doença da mãe. Teve que procurar um clima mais quente e veio.

Regressou toda a família, pais e cinco filhos pequenos, para esta zona desconhecida para eles, sem casa, sem família, só com esperança de mais saúde e de alguém que os havia de ajudar. Encontraram alguma coisa.

Logo que tivemos conhecimento desta família e sua

situação, com os pais doentes, sem nenhum deles a ganhar e com a renda de casa que ocupavam por pagar já há meses, não hesitámos em ser ela a ocupar a casa. E o nosso tractor foi ajudar a mudar a humilde mobília.

À noite, daquele primeiro dia, partilhámos à sua mesa, com muita alegria de toda a família, um dos bolos que levámos de nossa Casa.

Padre Horácio